



**TRABALHO:** categoria ainda central no século XXI

**Claudia Lima Monteiro** <sup>1</sup>

**Resumo:** Esse estudo, embasado na análise marxista, foca a centralidade do trabalho ao ser humano. O trabalho pode significar práxis, uma potencialidade ao ser humano. Entretanto, na sociedade capitalista, essa categoria adquire a condição de alienação e estranhamento, devido ao seu modo produtivo, que explora a classe trabalhadora.

**Palavras-chave:** trabalho; ser social; práxis.

**Abstract:** This study, based on marxist analysis focuses on the centrality of work to human being. The work can mean praxis, a potentially for the human being. However, in capitalist society, this category becomes the condition of alienation and estrangement, due to your productive mode, which exploits the working class.

**Keywords:** work; be social; praxis.

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de Diadema (CEREST). E-mail: claudia65lima@hotmail.com



## I - Introdução

O trabalho, embasado na teoria marxista, é categoria fundante ao ser humano, visto que é por meio dele que o homem<sup>2</sup> se constituiu como ser social, ou seja, como um ser que vive em sociedade. Nesse sentido, Netto e Braz mostram a importância da inserção social para o homem: “O que chamamos de sociedade são os modos de existir do ser social; é na sociedade e nos membros que a compõem que o ser social existe: a sociedade, e seus membros, constitui o ser social e dele se constitui”. (NETTO e BRAZ, 2006:37).

Foi por meio do trabalho que o homem garantiu sua sobrevivência e a satisfação de suas necessidades mais imediatas e vitais, como a fome, frio e calor. Para a categoria trabalho, utilizamos a seguinte definição: “[...] a sociedade, através de seus membros (homens e mulheres), transforma matérias naturais em produtos que atendem às suas necessidades. Essa transformação é realizada através da atividade a que denominamos trabalho”. (NETTO e BRAZ, 2006, p.30).

A diferenciação do trabalho humano em relação ao dos outros animais é demonstrada por Marx, na obra Manuscritos Econômicos Filosóficos:

Decerto, o animal também produz. Constrói para si um ninho, habitações, como as abelhas, os castores, formigas, etc. Contudo, produz o que necessita imediatamente para si ou para sua cria; produz unilateralmente, enquanto o homem produz universalmente; produz apenas sob a dominação da necessidade física imediata, enquanto que o homem produz mesmo livre da necessidade física e só produz verdadeiramente na liberdade da mesma; produz-se apenas a si próprio, enquanto o homem reproduz a Natureza toda; o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem enfrenta livremente o seu produto. O animal dá forma apenas segundo a medida e a necessidade da espécie a que pertence, enquanto que o homem sabe produzir segundo a medida de casa espécie e sabe aplicar em toda a parte a medida inerente ao objeto; por isso, o homem dá forma também segundo as leis da beleza” ( MARX, 1993, p.165)

O atual código de ética profissional do Assistente Social também enfatiza o caráter fundante do trabalho para a constituição do ser social: “É mediante o processo de trabalho que o ser social se constitui, se instaura como distinto do ser natural, dispondo de capacidade teleológica, projetiva, consciente; é por esta socialização que ele se põe como ser capaz de liberdade” (1993, p.22).

---

<sup>2</sup> O termo homem e trabalhador é utilizado enquanto termo humano, no sentido de evitar repetições como homem/mulher e trabalhador/trabalhadora.



O trabalho, enquanto constituinte do ser social, possui um potencial transformador, de criação, de práxis e de afirmação da natureza humana. A práxis<sup>3</sup> é constituída de categorias como liberdade, sociabilidade, universalidade, consciência e o trabalho. Neste sentido, o trabalho representa a afirmação do homem como ser social.

De forma dialética, o trabalho pode significar práxis, mas também alienação, considerando o distanciamento do trabalho em sua forma criadora devido as necessidades do capitalismo, que privilegia o capital em detrimento da saúde e da realização do ser humano.

Marx esclarece que o trabalhador, na sociedade capitalista, é forçado a vender sua força de trabalho<sup>4</sup> para o dono do capital em troca de um salário, uma vez que não possui os meios de produção para realizar o seu trabalho. O produto desse trabalho, para o capitalista, tem dois objetivos claros:

Primeiro, quer produzir um valor-de-uso que tenha um valor-de-troca, um artigo destinado à venda, uma mercadoria. E segundo, quer produzir uma mercadoria de valor mais elevado que o valor conjunto das mercadorias necessárias para produzi-la, isto é, a soma dos valores dos meios de produção e força de trabalho, pelos quais antecipou seu bom dinheiro no mercado. Além de um valor-de-uso, quer produzir mercadoria; além de valor-de-uso, valor, e não só valor, mas também valor excedente (mais-valia). (MARX, 2011, p. 200 e 201).

Alguns autores pós-modernos questionam a centralidade do trabalho ao ser humano, sob a argumentação da importância da comunicação ou da intersubjetividade na sociedade contemporânea. Entretanto, percebe-se que no século XXI a categoria trabalho permanece central ao ser humano, que vive para trabalhar.

## II – Desenvolvimento

Conforme já mencionado, o trabalho propiciou ao homem transpor a sua condição de ser natural para ser social, transformando a natureza e a si mesmo. Desta forma, o trabalho é central na vida do ser humano, ainda nos tempos atuais, não só no sentido de

<sup>3</sup> Práxis – entendida como um conjunto de objetivações do ser social.

<sup>4</sup> Definição de força de trabalho para Marx (2011: p. 197): conjunto das faculdades físicas e mentais existentes no corpo e na personalidade viva de um ser humano, as quais ele põe em ação toda vez que produz valores-de-uso de qualquer espécie.



sua sobrevivência, da satisfação de suas necessidades (cada vez mais crescentes), mas também está imbricada à sua identidade.

Quando conhecemos uma pessoa, automaticamente indagamos sobre sua atividade profissional, numa estreita relação entre o ser e o fazer. Ele pode ser fonte de realizações e/ou de alienações, na medida em que propicia o crescimento e desenvolvimento do homem (particular e coletivo), mas também a sua alienação, coisificação e fetichização.

Analisar a categoria trabalho requer indagações quanto às condições sócio-estruturais em que esse trabalho é realizado. O capitalismo cria e convive com contradições. Ao mesmo tempo em que na sociedade contemporânea questiona-se a permanência da centralidade do trabalho para os sujeitos, na verdade nunca trabalhamos tanto.

A potencialidade da condição de ser social é negada na sociedade capitalista, uma vez que há primazia pelos interesses do lucro e do capital, propiciando um estranhamento do produto do trabalho pelo trabalhador. Esse estranhamento é facilmente perceptível no desenvolvimento constante dos sistemas de organizações científicas do trabalho implementados pelo sistema capitalista, nos quais há ênfase ao aumento da produtividade, a super-exploração da mão de obra operária e a redução dos custos, onde o homem se submete ao ritmo da máquina e não ao contrário, distanciando-se cada vez mais da sua condição humana.

O caráter contraditório e dual do trabalho, de práxis e alienação, é identificado, inclusive, na sua denominação. A palavra trabalho, advindo do grego, era denominado “ergon”, significando obra, que remete à realização. Já no latim, o trabalho era denominado como “tripalium”, instrumento de tortura, formado por três (tri) paus (pali), identificando, desta forma, o caráter torturante do trabalho.

Embora a escravidão tenha sido abolida no Brasil no século XIX, ainda são flagradas formas de trabalho degradantes e em condições análogas ao trabalho escravo, como o casos de trabalhadores bolivianos encontrados sob regime de cárcere na região do Bom Retiro, na cidade de São Paulo, ou em fazendas, no interior do Brasil.

A perda da identidade e de solidariedade da classe trabalhadora é incentivada pela sociedade burguesa. As relações de trabalho estão cada vez mais individualizadas, precarizadas e terceirizadas, sendo usual a coexistência de diferentes vínculos de trabalho



(contratados diretos, tercerizados, autônomos e cooperados, dentre outros), dificultando a organização sindical. É comum a realização de serviços desenvolvidos na própria residência do trabalhador, com a utilização de tecnologias como computadores e celulares.

Nota-se também que os representantes do capital não denominam mais o trabalhador de operário, mas sim de “colaborador” e “prestador de serviço”. Trata-se pois de destituir a identidade do proletariado. As novas formas de relações de trabalho existentes no mundo contemporâneo, que são cada vez mais precarizadas, são reconhecidas por Antunes (2005) como “a nova morfologia do trabalho”. A perda da identidade da classe trabalhadora é incentivada pela sociedade burguesa. Nos processos seletivos de empresas os trabalhadores se reconhecem como concorrentes, perdendo os laços de solidariedade entre si. Além disso, a diminuição do custo do processo produtivo, o lucro e a intensificação dos ritmos de trabalho são prevalentes no estágio atual do sistema capitalista, provocando danos sobre a saúde física e mental do trabalhador.

A luta coletiva por um trabalho que propicie a práxis ao ser humano é essencial e pressupõe uma nova forma de constituição da sociedade, como demonstram Iamamoto e Carvalho:

É mediante o processo de trabalho que o ser social se constitui, se instaura como distinto do ser natural, dispendo de capacidade teleológica, projetiva, consciente; é por esta socialização que ele se põe como ser capaz de liberdade. Esta concepção já contém, em si mesma, uma projeção de sociedade - aquela em que se propicie aos/às trabalhadores/as um pleno desenvolvimento para a invenção e vivência de novos valores, o que, evidentemente, supõe a erradicação de todos os processos de exploração, opressão e alienação. (IAMAMOTO e CARVALHO:2011, p. 22)

Em Miséria da Filosofia, Marx confirma a possibilidade de mudanças históricas:

“Os mesmos homens que estabeleceram as relações sociais de acordo com a sua produtividade material produzem, também, os princípios, as idéias, as categorias de acordo com as suas relações sociais. Assim, essas idéias, essas categorias são tão pouco eternas quanto as relações que exprimem. Elas são produtos históricos e transitórios. (Marx, 2009,p. 126)

Nesse sentido, o resgate do trabalho no seu aspecto potencializador é possível, considerando o caráter dinâmico da história, possibilitado pela ação coletiva dos homens.

### III - Conclusões:

A categoria trabalho é fundante para o ser social e continua a ser central para o homem ainda no século XXI. Nesse sentido, Antunes (2003) analisa que o trabalhador é a “classe



que vive do trabalho”. E no capitalismo contemporâneo, é a classe que também vive “para” o trabalho, sem tempo para outras realizações pessoais.

Na sociedade capitalista, devido a superexploração da mão-de obra, o trabalho alienado e estranhado ganha força, enquanto que sua potencialidade como práxis é diminuída. Entretanto, essa situação não é a-histórica e eterna, mas com possibilidade de mudanças a partir da ação coletiva dos homens.

Por fim, de forma poética, Brecht nos mostra a importância do trabalho e da classe trabalhadora ao longo da história:

### **Perguntas de um operário que lê.**

Quem construiu Tebas, a das sete portas?  
Nos livros vem o nome dos reis,  
Mas foram os reis que transportaram as pedras?  
Babilônia, tantas vezes destruída,  
Quem outras tantas a reconstruiu? Em que casas  
Da Lima Dourada moravam seus obreiros?  
No dia em que ficou pronta a Muralha da China para onde  
Foram os seus pedreiros? A grande Roma  
Está cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu? Sobre quem  
Triunfaram os Césares? A tão cantada Bizâncio  
Sò tinha palácios  
Para os seus habitantes? Até a legendária Atlântida  
Na noite em que o mar a engoliu  
Viu afogados gritar por seus escravos.  
O jovem Alexandre conquistou as Índias  
Sòzinho?  
César venceu os gauleses.  
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?  
Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha  
Chorou. E ninguém mais?  
Frederico II ganhou a guerra dos sete anos  
Quem mais a ganhou?



Em cada página uma vitória.  
Quem cozinhou os festins?  
Em cada década um grande homem.  
Quem pagava as despesas?  
Tantas histórias  
Quantas perguntas

Bertold Brechet

## BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2003.

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha: Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.

BRECHET, Bertold. **Perguntas de um trabalhador que lê**. Disponível em: <http://www.univos.com/poesia7.html> Acesso em 12.04.2013.

BRASIL. **Código de Ética do/a Assistente Social**. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. 10. ed. ver. e atual. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social (CFESS). 1997. Disponível em: [http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP\\_CFESS-SITE.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf). Acesso em: 22/01/2013.

IAMAMOTO, Marilda; CARVALHO, Raul. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**. 33.ed. São Paulo:Cortez, 2011.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1993.

\_\_\_\_\_. **Miséria da Filosofia**. 1.ed. S. Paulo: Expressão Popular, 2009

\_\_\_\_\_. **O Capital: Crítica da Economia Política**. 28. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. (O Processo de Produção do Capital, v. 1).

NETTO, Jose Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política**: uma introdução crítica. 1.ed. São Paulo: Cortez,2006. (Biblioteca Básica de Serviço Social, v.1)